



Matrizes

ISSN: 1982-2073

ISSN: 1982-8160

matrizes@usp.br

Universidade de São Paulo

Brasil

VASSALLO DE LOPES, MARIA IMMACOLATA

A teoria barberiana da comunicação

Matrizes, vol. 12, núm. 1, 2018, -, pp. 39-63

Universidade de São Paulo

Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143064343016>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais informações do artigo
- ▶ Site da revista em redalyc.org

UNEM 

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

A teoria barberiana da comunicação

Barberian theory of communication

MARIA IMMACOLATA VASSALLO DE LOPES^a

Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. São Paulo – SP, Brasil

RESUMO

Dentro do marco dos 30 anos do livro *De los medios a las mediaciones*, pretendemos fazer uma espécie de *mapa diurno* da obra de Jesús Martín-Barbero. Propomo-nos a demonstrar que o pensamento comunicacional de Martín-Barbero não se conforma a uma teoria da recepção nem a uma teoria das mediações, mas constitui uma teoria da comunicação específica, caracterizada por uma epistemologia, metodologia e conceitos próprios, a que denominamos *teoria barberiana da comunicação*. Pretendemos demonstrá-la através de três eixos de análise: 1) a epistemologia da comunicação, com a metáfora do *calafrio epistemológico* que faz a ruptura no conhecimento comunicacional; 2) a cartografia como método para promover novos parâmetros de representação do conhecimento; 3) os mapas teórico-metodológicos que são o *mapa noturno* e quatro mapas das mediações. **Palavras-chave:** Jesús Martín-Barbero, teoria barberiana da comunicação, método cartográfico, mapas das mediações, epistemologia da comunicação

^aProfessora Titular Sênior da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-3477-1068>. E-mail: immaco@usp.br

ABSTRACT

Within the milestone of the 30 years of the book *De los medios a las mediaciones*, we intend to make a kind of *diurne map* of the work of Jesús Martín-Barbero. We propose to demonstrate that Martín-Barbero's communicational thought does not conform to a theory of reception nor to a theory of mediations, but it constitutes a specific theory of communication, characterized by its own epistemology, methodology and concepts, which we call *Barberian theory of communication*. We intend to demonstrate it through three axes of analysis: 1) the epistemology of communication, with the metaphor of the *epistemological chill* that makes the rupture in the communicational knowledge; 2) the cartography as a method to promote new parameters of knowledge representation; 3) the theoretical-methodological maps that are the “nocturne map” and four maps of the mediations.

Keywords: Jesus Martín-Barbero, Barberian theory of communication, cartographic method, maps of mediations, epistemology of communication

INTRODUÇÃO: DE CARTOGRAFIAS E MAPAS NOTURNOS

A cartografia vive de uma ambiguidade que a situa na confluência da ciência e da arte. Geográfica e histórica, a cartografia elabora uma imagem que mostra as relações do ser humano com o território, uma apreensão de conjunto da densidade de seus conflitos, e ao mesmo tempo mostra a historicidade de nossos saberes.
Jean-Claude Groshens (Cartes et Figures de la Terre. Paris, Pompidou, 1980)

¹ Daqui em diante: JMB.

NO LIVRO *OFÍCIO de cartógrafo. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura* de Jesús Martín-Barbero¹ (2004), é particularmente interessante a introdução, que tem por título *As aventuras de um cartógrafo mestiço* (Ibid.: 9-42), em que o autor faz uma reflexão sobre seus trabalhos chamando-os de cartografias e de mapas e expressando seu interesse pela condição de cartógrafo naquilo em que esse ofício possa lhe dizer respeito. Agrada-lhe a descoberta da *cartografia cognitiva* como estratégia teórico-metodológica que seria própria para tempos instáveis, ambíguos, fluidos, por proporcionar a exploração e a descoberta de novos itinerários em seus permanentes riscos. E pergunta: “mas quem disse que a cartografia só pode representar fronteiras e não construir imagens das relações e dos entrelaçamentos, dos caminhos em fuga e dos labirintos?” (Ibid.: 12). Essa *lógica cartográfica* se torna *fractal* – nos mapas, o mundo recupera a singularidade diversa dos objetos: cordilheiras, ilhas, selvas, oceanos – e se expressa textualmente em o que se prega e se desprega, em reveses, intertextos e intervalos (Serres, 1995).

² Retomamos a figura do arquipélago como uma nova episteme na nota 8.

Atravessando as figuras do universo e dos continentes, esses mapas cognitivos chegam hoje até a figura do arquipélago², que desprovido de fronteira que o una, é um continente que se desagrega em ilhas múltiplas e diversas que se interconectam. Pensar o arquipélago é indagar o novo tipo de *logos* que interconecta o diverso, em cuja raiz se acham as profundas alterações perceptivas que nossa experiência espaço-temporal atravessa. Podemos aí aproximar os esquemas cognitivos reorganizadores de que fala Morin (2000), as migrações de conceitos de suas disciplinas originárias para fecundar o terreno dos objetos e projetos transdisciplinares. Os mesmos que estão também no conhecido trabalho de Wallerstein (1996) que apresenta uma cartografia do estado disciplinar das ciências sociais que as incita a se abrirem.

³ “Vinha eu da filosofia...” tornou-se uma intercalação comum em seus escritos.

É a partir do lugar de filósofo³ que JMB desloca seu pensamento para renovar o mapeamento dos estudos da comunicação na América Latina e o faz propondo um *mapa noturno*. Seguindo a linha de análise que adotamos, o *mapa noturno* vai além da metáfora, e se traduz em um conceito que indica o

horizonte no qual o autor procura ressituar os estudos da comunicação e dos meios a partir das matrizes culturais (o popular) nos espaços sociais (América Latina). Esta investigação engloba tanto os condicionantes estruturais quanto os processos de subjetivação em que se encontram inseridos empiricamente os diferentes atores.

É um mapa para indagar a dominação, a produção e o trabalho, mas a partir do outro lado: o das brechas, o do prazer. Um mapa não para a fuga mas para o reconhecimento da situação desde as mediações e os sujeitos, para mudar o lugar a partir do qual se formulam as perguntas, para assumir as margens não como tema senão como enzima. Porque os tempos não estão para a síntese, e são muitas as zonas da realidade cotidiana que estão ainda por explorar, zonas em cuja exploração não podemos avançar senão tateando ou apenas com um mapa noturno. (JMB, 2004: 18)

O poder, o cotidiano, a palavra, a narrativa e até o ritual da antropologia de Mauss interagem com os mitos de Barthes e com a sensorialidade de Merleau-Ponty ou Walter Benjamin (JMB, 2014). Esta é a série de recursos intelectuais heterodoxos que Martín-Barbero carrega em sua bagagem e que alimentaram a formalização da metáfora do *mapa noturno*, que descreve o seu *modo de fazer pesquisa* através de uma expressão emprestada do *Piloto de guerra* de Saint-Exupéry.

Como veremos adiante, mesmo sem nomeá-la, JMB lança mão da *estratégia de pesquisa cartográfica* desde suas primeiras reflexões sobre a pesquisa de comunicação na América Latina⁴. São considerações que se acham disseminadas e esparsas ao longo de sua obra, em permanente processo de complexificação, o que torna cada vez mais difícil desentranhar dado os diferentes níveis de análise que entrelaça (filosófico, comunicacional, cultural, histórico etc.) e os inúmeros objetos que vai incluindo (telenovela, jovens, educação, cidade, políticas culturais, mídias, entre muitos outros). Essas considerações são feitas por movimentos de avanços e retomadas, de sistematizações parciais, sempre incompletas, ao modo de arquipélagos móveis, que reunidos, mostram o continente de uma teoria viva em estreito diálogo com as transformações do seu contexto que é a América Latina inserida no mundo.

Portanto, vale a pena *garimpar* elementos cartográficos ao longo de sua obra, de um modo específico (e não usual), que é nas reflexões epistemológicas que desenvolve, de maneira sistemática, em terrenos mais complexos, como nas conversações⁵, no exercício de sua biografia intelectual e, particularmente, nos sucessivos prefácios ou introduções ao livro *Dos meios às mediações*⁶.

⁴JMB (1982).

⁵É notável a quantidade de “conversaciones” (em forma de entrevistas) feitas pelo autor, que são verdadeiros paratextos e fundamentais para aprofundar e ordenar o entendimento da multiplicidade de temas por ele tratados. Várias dessas conversações são utilizadas neste trabalho e constam nas referências.

⁶Além das diferentes introduções feitas às novas edições de *Dos meios às mediações* foi feita uma publicação interessante, mas de circulação restrita, que reuniu as diversas “introducciones” de JMB (2010b).

EPISTEMOLOGIA BARBERIANA: UM CALAFRIO EPISTEMOLÓGICO COMO RUPTURA NO CONHECIMENTO COMUNICACIONAL

Pensar epistemologicamente a comunicação a partir da cartografia da comunicação na América Latina

A epistemologia da comunicação barberiana pode ser entendida como uma nova tentativa de cartografar o conhecimento das práticas comunicacionais e culturais latino-americanas e ganha força nas abordagens que reivindicam a importância do papel das periferias num novo mapa global, onde os novos cartógrafos se utilizam do discurso da diversidade e da resistência.

A cartografia, como instrumento para prover mapas cognitivos que orientam a percepção de um espaço de pesquisa, é uma ferramenta epistemológica usada por JMB ao longo de forma permanente, mas difusa e intersticial⁷.

A figura do cartógrafo aproxima-se à do *flâneur*, trabalhada por Benjamin (1986), sendo o *flâneur* um personagem urbano que sai de casa por sair, e assim, no trânsito sem destino traçado, atenta para a cidade e vê além da uniformidade aparente. Como o *flâneur*, o cartógrafo desenvolve uma capacidade de estranhamento que o desenraiza tanto da percepção do habitualmente reconhecível, como do utilitarismo herdado da sociedade capitalista moderna no que se refere à produção científica.

Na introdução de *Ofício de cartógrafo*, JMB sugere que nos voltemos à cartografia para pensar os novos caminhos a serem percorridos na teoria da comunicação. Nessa cartografia, a ideia é construir *mapas traçados não apenas sobre, mas também a partir das margens* (JMB, 2004: 14). A questão levantada pelo teórico é a de que é preciso pensar o lugar de enunciação, no caso, deslocar o eixo de análise dos pesquisadores latino-americanos, convocando-os a ver junto com as populações subalternas. Critica a dependência teórica dos estudos de comunicação latino-americanos a modelos hegemônicos, reprodução de teorias e enfoques que o autor considera “fora de lugar”, destituídos de sentido no universo ao qual se propõem inserir. Para o autor, os mapas e os sentidos produzidos por eles mudam na medida em que se desloca o ponto de observação. Busca por um novo mapa da periferia global, estabelecendo novos sentidos de fronteiras para alcançar uma outra lógica cartográfica, não mais estabelecida pelas nações centrais, mas pelo reconhecimento da potência das práticas periféricas.

Com o deslocamento do eixo de análise para pensar a América Latina, o espaço a ser cartografado é o das *mediações comunicativas da cultura*, sendo que a necessidade de se construir um novo mapa passa pelos novos modos de simbolização e ritualização dos laços sociais, os quais se encontram cada vez

⁷ Por isso, como já observamos, resolvemos dirigir-nos mais à leitura de suas conversações, entrevistas e autorrelatos intelectuais, lugares onde comumente faz exercícios de reflexividade sobre seus próprios trabalhos, além de contextualizá-los temporalmente.

mais entrelaçados às redes de comunicação, desterritorializando discursos e solapando fronteiras espaciais e temporais.

Neste sentido, JMB (2004: 12) contrapõe a cartografia representacional de fronteiras àquela expressa por imagens de relações e entrelaçamentos, dos caminhos de fuga e de labirintos, para logo depois lançar mão, a partir da perspectiva de Serres (1995) da metáfora do arquipélago⁸ como um novo tipo de logos que interconecta o diverso.

A cartografia se movimenta redesenhando o mapa da América Latina, tanto o de suas fronteiras e suas identidades – especialmente pelo movimento crescente das migrações e porque o sentido das fronteiras se apaga ou se agudiza contraditoriamente com o que produzem as redes do mercado e as tecnologias satelitais, e as identidades se solapam perdendo sua antiga nitidez (Ibid.: 14)⁹.

A contestação da colonialidade do poder e a contraposição ao pensamento universalizante ocidental, é assumida por diferentes autores da chamada perspectiva pós-colonial, como Arjun Appadurai (1997) e Homi Bhabha (1998)¹⁰. Tal posição reivindica legitimidade e autonomia num embate ideológico que se traduz na desconstrução de modelos epistemológicos ocidentais frente a uma perspectiva de formulação de uma outra episteme, de um outro pensamento marcado pela ideia de alteridade. Essa proposta já antecipa o papel que JMB assume para si como uma espécie de *cartógrafo mestiço*.

A cartografia se movimenta redesenhando o mapa da América Latina, tanto o de suas fronteiras e suas identidades – especialmente pelo movimento crescente das migrações e porque o sentido das fronteiras se apaga ou se agudiza contraditoriamente com o que produzem as redes do mercado e as tecnologias satelitais, e as identidades se solapam perdendo sua antiga nitidez. (Ibid.: 14)

Ao destacar que as tecnologias de comunicação passam a funcionar como mediação estrutural e não apenas instrumental, ou seja, desempenhando um papel fundamental na organização do campo da cultura, JMB valoriza o fluxo comunicacional e a descentralização com o objetivo de cartografar um outro espaço, capaz de prover diferentes formas de cultura.

A longa fidelidade que mantém ao cruzamento de experiência de vida com a teoria se encontraram num cenário pessoal que resultou no que chamou de *calafrio epistemológico*, que lhe permitiu descobrir uma estética no popular, isto é, uma experiência estética não redutível ao mero reflexo, ou à resistência e a percepção de estéticas do popular muito diversas do massivo ou do culto.

Esse episódio é contado na introdução do livro *Procesos de comunicación y matrices de cultura* (1987b: 11-13) onde trata do deslocamento do popular

⁸ Uma nova episteme marcada pela ideia de arquipelização é definida por Edouard Glissant em *Introdução a uma poética da diversidade*. “Esta seria caracterizada pela imprecisão, pela ambiguidade e pela relatividade, uma vez que o arquipélago é ao mesmo tempo uno e múltiplo, onde cada uma de suas ilhas forma um todo, sem perder, no entanto, a sua especificidade. [...] Transversalizando a ótica ocidental monolítica e universalista com o olhar mestiço, Glissant avalia a arquipelização dos continentes constituindo regiões para além das fronteiras nacionais. As regiões culturais seriam como ilhas abertas que transgridem as fronteiras geográficas (cartografias ocidentais) desenhando novas cartografias culturais policêntricas e polifônicas” apud Bragança (2011: 4).

⁹ Essa cartografia está expressa no Terceiro Mapa das Mediações que veremos adiante.

¹⁰ O primeiro mapa barberiano é fruto de uma forte crítica à dependência científica que o leva a colocar três campos estratégicos para a pesquisa de comunicação na América Latina, ver adiante.

D

A teoria barberiana da comunicação

folclorizado para o adensamento do massivo no urbano. É um acontecimento curioso e divertido, uma anedota, mais tarde denominado por ele de *calafrío epistemológico*. Foi a estranha experiência provocada durante a assistência de um dramalhão mexicano (*La ley del monte*) em um cinema de um bairro popular de Cali. Ele e um grupo de estudantes não conseguiam conter as risadas constantes diante das cenas de um gritante “mau-gosto”, ao passo que o público, majoritariamente masculino, se emocionava e chegava às lágrimas. Entretanto, as pessoas, indignadas com as risadas, quase os colocaram para fora do cinema. Esse caso foi relatado em diversas ocasiões, como por exemplo, em uma entrevista – Huergo, Morawicki (2016 [2008]: 155) –, em que descreve a emoção sentida:

¹¹No original: “El verdadero escalofrío epistemológico residió en darme cuenta que yo había visto otra película, y lo que yo necesitaba era aprender a analizar la que veían ellos, los otros. Insultar a la gente del común por su ignorancia no nos ayuda nada a transformar la sociedad. Y eso fue lo que me puso a ver con la gente lo que a la gente le gusta. Que es la única manera de salir de nuestro mundillo y acercarnos a sus mundos de vida [...]. Salgo del cine traumatizado, traumatizado completamente.

Aquí fue que nació *De los medios a las mediaciones*”.

¹²No original: “Fue a esa experiencia a la que tiempo después llamé pomposamente un escalofrío epistemológico: un escalofrío intelectual que se transformó en ruptura epistemológica por la necesidad de cambiar el lugar desde donde se formulan las preguntas. Y el desplazamiento metodológico indispensable, hecho a la vez de acercamiento etnográfico y distanciamiento cultural, que permitiera al investigador ver-con la gente, y a la gente contar lo visto por ellos. Aquel ejercicio me transformó la vida y, a partir de ahí mis preguntas e investigaciones dejaron de partir de los medios para indagar las mediaciones que entretejen la compleja relación de la gente no sólo con los medios audiovisuales, sino cómo se comunica la gente en la plaza de mercado, en la esquina del barrio, en el estadio?”.

O verdadeiro calafrío epistemológico veio ao perceber que havia visto outro filme, e o que precisava era aprender a analisar o que eles, os outros, viam. Insultar as pessoas comuns por sua ignorância *não ajudava em nada* a transformar a sociedade. E isso foi o que me levou a ver com as pessoas o que elas gostam. Que *é a única* maneira de sair de nosso mundinho e nos aproximarmos de seus mundos de vida [...]. Saí do cinema traumatizado, completamente traumatizado. Foi aí que nasceu *Dos meios às mediações*¹¹.

Fez também do caso assunto de uma conferência intitulada *Los inesperados efectos de un escalofrío epistemológico* (2011a: 5):

Foi a essa experiência a que tempos depois chamei pomposamente de calafrío epistemológico: um calafrío intelectual que se transformou em ruptura epistemológica pela necessidade de mudar o lugar a partir do qual se formulam as perguntas. E o deslocamento metodológico indispensável, feito de aproximação etnográfica e distanciamiento cultural, que permitiria ao pesquisador ver-com as pessoas, e as pessoas contarem o que tinham visto. Aquele exercício mudou minha vida, a partir daí minhas perguntas e investigações deixaram de partir dos meios para indagar as mediações que tecem a complexa relação das pessoas não apenas com os meios audiovisuais, mas: como as pessoas se comunicam na praça do mercado, na esquina do bairro, no estádio?¹²

Essa experiência, a que chamou de “iniciación a la cultura cotidiana del mundo popular”, impulsionou JMB a uma postura inicial de estudar a “mediação de massa” e em seguida para uma abordagem mais ampla, aberta às dimensões cultural e política.

Mas, que mapa poderia ser traçado para explorar o *mapa noturno* dessas mediações que conectam sujeitos de uma cultura aos mais diversos

fenômenos de comunicação? Teria que ser um mapa que propusesse uma reflexividade epistêmica para a pesquisa e uma ruptura no conhecimento da comunicação e sua consequente (re)construção¹³: “Era necessário olhar o processo inteiro da comunicação massiva a partir desse *outro lugar que é o popular*”¹⁴ (1987a: 13).

Com esse posicionamento, o teórico evidenciará que existe uma *outra epistemologia*, latino-americana, ancorada na categoria do popular-massivo, de onde é possível revisar os processos de comunicação.

O objetivo passa então a ser revisar todo o processo de comunicação a partir de outro *lugar*, o da recepção, o das resistências que aí acontecem, o da apropriação através dos usos. Tratava-se de mudar o lugar das perguntas para tornar pesquisáveis os processos de constituição do massivo a partir das mediações e dos sujeitos, isto é, a partir da articulação entre práticas de comunicação e movimentos sociais.

Essa perspectiva epistemológica barberiana introduziu deslocamentos conceituais inovadores dentro dos estudos de comunicação que possibilitaram novos objetos de estudo e a definição de métodos e de diálogos interdisciplinares para abordar os fenômenos comunicacionais que mesclam o culto, o popular e o massivo.

A CARTOGRAFIA COMO MÉTODO BARBERIANO PARA PROMOVER NOVOS PARÂMETROS DE REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO

Antes de entrarmos na análise da cartografia das mediações é necessário situá-la dentro da linhagem do pensamento cartográfico. Faremos alguns apontamentos de caráter epistemológico e metodológico que trazem à luz diálogos entre JMB e algumas correntes de pensamento que têm sido pouco explicitados nas leituras feitas de seus trabalhos. Referimo-nos principalmente às teorias da cartografia e aos mapas cognitivos, além de autores que lhe estão na base.

A cartografia é antes que mais nada um *método* ou, como diria Morin (2000: 107) “*uma ajuda à estratégia do pensamento*”, e convém ressaltar as inspirações filosóficas que perpassam os procedimentos que a mesma propõe, até porque estes só fazem sentido enquanto operacionalizações de uma epistemologia proposta para a pesquisa de comunicação.

No *método*, podemos identificar as ferramentas através das quais promove-se o olhar para o novo. Essas ferramentas são a *migração conceitual* e a *construção de metáforas*. Migração conceitual de um domínio para outro, o que garante a ressignificação e ampliação de conceitos e noções, originariamente disciplinares;

¹³ Seguindo os passos de Bachelard, as condições da gênese das teorias devem ser entendidas de um ponto de vista histórico e sociocultural. Ver Lopes (2010).

¹⁴ No original: “Era necesario mirar el proceso entero de la comunicación masiva desde ese otro lugar que es lo popular”

D

A teoria barberiana da comunicação

e a construção de metáforas para o pensamento não linear, a sua abertura a diversas interpretações ou reinterpretações para encontrar ressonância com as ideias de um interlocutor.

O caráter aberto da cartografia gera para JMB um contexto propício ao cruzamento de autores e conceitos provindos de diferentes áreas do conhecimento, configurando um interessante campo de experimentações da transdisciplinaridade em seu sentido mais amplo, ou seja, em termos de um entrecruzamento entre referências e formas de pensar de diferentes domínios disciplinares, e não apenas da justaposição de *resultados* ou *práticas metodológicas* de diversos cientistas.

A atitude transdisciplinar visa produzir interferências desestabilizadoras entre quaisquer domínios compartimentados – sejam filosóficos, teóricos, políticos, artísticos etc. Esse investimento desestabilizador mina as fronteiras dos campos e permite o engendramento de novos saberes e novas práticas por hibridizações (Santos, 1997).

Identificamos esses princípios da cartografia disseminados na obra de JMB, que é conhecida por realizar *deslocamentos* de conceitos e autores de seus lugares tradicionais e *rupturas* com aportes reducionistas ou maniqueístas. O uso da cartografia é estratégico e histórico, adequado a uma contemporaneidade marcada pela incerteza e ambivalência (Bauman, 1999; 2000).

Não pretendemos aqui “sistematizar o método cartográfico”¹⁵, mas reunir indicações ou pistas dos diálogos entre o autor e esse método que servem de suporte para sua teoria crítica, ao mesmo tempo que são usados como instrumentos de intervenção na realidade da América Latina. A sua cartografia cognitiva liga-se aos diversos campos de conhecimento das ciências sociais e humanas e se expressa em diagramas de relações, enfrentamentos e cruzamentos entre forças, agenciamentos, enunciações, jogos de objetivação e subjetivação, sempre em algum espaço empírico latino-americano¹⁶.

Tal como proposta por Foucault e Deleuze (Deleuze, 1988), a análise cartográfica configura-se como instrumento para uma história do presente, possibilitando a crítica do nosso tempo e daquilo que somos. Não é método como proposição de regras, procedimentos ou protocolos de pesquisa rígidos, mas sim, como estratégia de análise crítica e ação política, olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias. Tal estratégia metodológica desenha não exatamente mapas no sentido tradicional do termo e sim diagramas, que se referem a lugares e movimentos marcados não por determinismos, mas por densidades, intensidades e expõem as linhas de força de um determinado espaço, que neste caso, é o campo da comunicação. *O diagrama é o mapa, a cartografia, coextensiva a todos os campos de conhecimento.* Temos aí delineados, em linhas

¹⁵ Fizemos uma espécie de cartografia dos cartógrafos através da leitura de vários autores que nos pareceram em diálogo direto com a cartografia barberiana: Passos; Kastrup; Escóssia (2009); Ferreira (2008); Prado Filho; Teti (2013); Fonseca; Regis (2012); Pozzana (2013); Arellano; Santoyo (2009).

¹⁶ Explorar conexões entre os mapas barberianos e a pesquisa-ação será uma hipótese a ser investigada.

gerais, os princípios que regem a cartografia barberiana expressos através de mapas teórico-metodológicos das mediações.

Seguindo nessa argumentação, outra aproximação que fazemos é entre o mapa das mediações e a figura do rizoma como método.

As principais referências à cartografia como método rizomático estão na “Introdução” de *Mil platôs* – Deleuze e Guattari, (1995[1980]) – em que os autores desenvolvem uma concepção de rizoma fazendo ligações com a cartografia. A cartografia é da ordem do rizoma e é exatamente por isso que ela é o antídoto para a ação dos dispositivos.

O rizoma se estende e desdobra num plano horizontal, de forma acêntrica, indefinida e não hierarquizada, abrindo-se para a multiplicidade, tanto de interpretações quanto de ações, remetendo à formação radicular da batata, da grama e da erva daninha. Ele não opera pelo jogo de oposição entre o uno e o múltiplo, não tem começo, fim ou centro, nem é formado oportunidades, mas por dimensões ou direções variáveis, além de constituir multiplicidades lineares ao mesmo tempo em que é constituído por múltiplas linhas que se cruzam nele, formando uma rede móvel, conectando pontos e posições. Deve-se ainda ter em conta o aspecto subterrâneo de uma formação rizomática, que leva a um problema de visibilidade imediata dessa complexa e intrincada teia de relações.

O olhar rizomático traça uma cartografia, desenhando um mapa como diagrama variável. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente.

Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas. Um mapa tem múltiplas entradas (Ibid.: 22).

Portanto, de forma curiosa, mas não como mera coincidência histórica, as mesmas características da teoria da comunicação de JMB e do pensamento da complexidade e multiplicidade de Morin (2000) encontram-se presentes nesses *conceitos operatórios* que são o dispositivo, o rizoma e a cartografia, possibilitando que essa última funcione como método de análise e ferramenta para a desmontagem de dispositivos, uma vez que se orienta pelos mesmos princípios.

Segundo Deleuze (1990), Foucault aponta diversos elementos e características de um dispositivo, sem preocupação de reuni-los num conceito unitário. Ele destaca a natureza estratégica do dispositivo, posto como artefato histórico que se forma em torno de problemas agudos e estratégicos para uma sociedade, tais como: loucura, criminalidade, sexualidade, saúde e educação, entre outros.

No entanto, no sentido de uma descrição ampla de dispositivo surgem referências a aspectos de diversidade, complexidade, mobilidade, encobrimento,

articulação, caráter estratégico, jogos saber x poder x subjetivação e modos de operação finos, sutis, capilares e subjetivantes, atribuídos à ação dos dispositivos.

Por outro lado, o modelo do rizoma serve como orientação metodológica para um olhar cartográfico a ser aplicado sobre um campo, uma rede, uma teia de relações, sugerindo que a cartografia opere de modo rizomático, percorrendo os pontos, as linhas e a rede do rizoma, aplicando estratégias rizomáticas de análise e ação, percorrendo e desenhando trajetórias que também são de pesquisa-intervenção. A cartografia diz respeito a um *método estratégico-rizomático*.

As semelhanças do modelo do rizoma com cartografia barberiana são espantosas, na qual identificamos campos de forças e relações, movimentos e processos e não posições fixas. Nos mapas, o modelo do rizoma é aplicado ao campo comunicacional onde as mediações são dispositivos se entrecruzam em constante movimento de mutação, renovação e atualização. Em outros termos, *as mediações são dispositivos historicizados*.

Portanto, é crucial notar que, em vez de regras metodológicas a serem aplicadas, JMB usa a ideia de *pistas metodológicas*¹⁷. São pistas para guiar no trabalho da pesquisa, sabendo que para acompanhar processos não podemos ter predeterminada de antemão a totalidade dos procedimentos metodológicos. As pistas que guiam o cartógrafo são como referências que concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa.

Como esclarecem Passos e Barros (2009:17):

A Cartografia como método de pesquisa pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa. O desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método – não mais um caminhar para alcançar metas pré-fixadas (*metá-hódos*), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas. A reversão, então, afirma um *hódos-metá*. A diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados.

Munidos desse conjunto de *pistas* sobre o método cartográfico, passamos à análise dos fundamentos metodológicos da teoria barberiana da comunicação que são mapas das mediações.

¹⁷ Discutimos o assunto em seguida, no tópico seguinte do artigo.

MAPAS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA TEORIA BARBERIANA DA COMUNICAÇÃO: MAPA NOTURNO E MAPAS DAS MEDIAÇÕES

Como todos sabem, a primeira grande síntese dessa proposta foi formulada pelo autor no livro *Dos meios às mediações*, lançado em 1987. Entretanto, a despeito da notável repercussão desse livro, algumas vezes têm incitado o Autor a escrever outro livro que respondesse à inversão desse título, isto é, *Das mediações aos meios*, a fim de *reequilibrar*, no binômio, o peso da comunicação que teria sido subsumida pela cultura. Apesar de não concordarmos com o reducionismo que subjaz a essa proposta, talvez o autor tenha, de fato, aceito a incitação, pois o que temos visto, nos seus escritos dos últimos anos, é um notável esforço em oferecer pistas para elucidar (“entre-ver”, como ele diz) cada vez mais, as relações entre meios e mediações. É a leitura que ele mesmo propõe dos sucessivos mapas das mediações apresentados nas introduções de novas reedições de *De los medios a las mediaciones*¹⁸.

Entretanto, já em 1970, o uso do termo mediação por JMB aparecia do desejo de articular a pedagogia libertária de Paulo Freire com a hermenêutica de Paul Ricoeur. Em uma entrevista ele afirma: “A comunicação direta, imediata, não existe, toda comunicação exige separação do desfrute imediato das coisas, todo o comunicar exige alteridade e um mínimo de distancia. A comunicação é separação e ponte: mediação”¹⁹ (2008: 25).

E, mais tarde, ele escreveu na introdução à última edição de *De los medios a la mediaciones* as razões pelas quais ele nunca pretendeu definir o conceito mediações (2010a: 29):

Mediações remete, então, mais ao traço que conecta em rede os pontos e linhas dispersos, distintos e distantes que tecem um mapa que a uma realidade que se constata ou a um conceito que se têm e se manipula. Daí, minha tenaz resistência a definir *mediações*, e minha aposta por ir desdobrando-as e delimitando-as à medida que os processos de comunicação, as práticas culturais e os movimentos sociais *iam se tornando aproximando*, por meio da densa relação do mundo da produção midiática nas indústrias culturais com os mundos do consumo massivo, sim, mas diferenciado, ativo e cidadão²⁰.

Mas, pode-se perguntar: como toma forma a tradução operacional da metáfora do *mapa noturno* para guiar as explorações do pesquisador?

Data de inícios dos anos 1980, o momento em que o teórico começa a montar questões de um *primeiro mapa*, apresentado na forma de agenda de investigação de *três campos estratégicos de pesquisa* para a América Latina (JMB, 1982). É importante notar que nesse mapa não aparece ainda o conceito mediação e, portanto, não o chamamos de mapa das mediações.

¹⁸ Tratei disso no meu artigo “Mediação e recepção. Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação” (Lopes, 2014).

¹⁹ No original: “No existe la comunicación directa, inmediata, toda comunicación exige el arrancarse al uso o goce inmediato de las cosas, todo comunicar exige alteridad y un mínimo de distancia. La comunicación es separación y puente: mediación”.

²⁰ No original: “*Mediaciones* remite entonces más al trazo que pone en red los dispersos, distintos y alejados, puntos y líneas que tejen un mapa que a una realidad que se constata o a un concepto que se tiene y se maneja. De ahí mi tenaz resistencia a definir *mediaciones*, y mi apuesta por ir las des-plegando y acotando a medida que los procesos de comunicación, las prácticas culturales y los movimientos sociales *iban haciéndose cercanos* mediante la puesta en relación densa del mundo de la producción mediática en las industrias culturales con los mundos del consumo, masivo sí pero diferenciado, activo y ciudadano”.

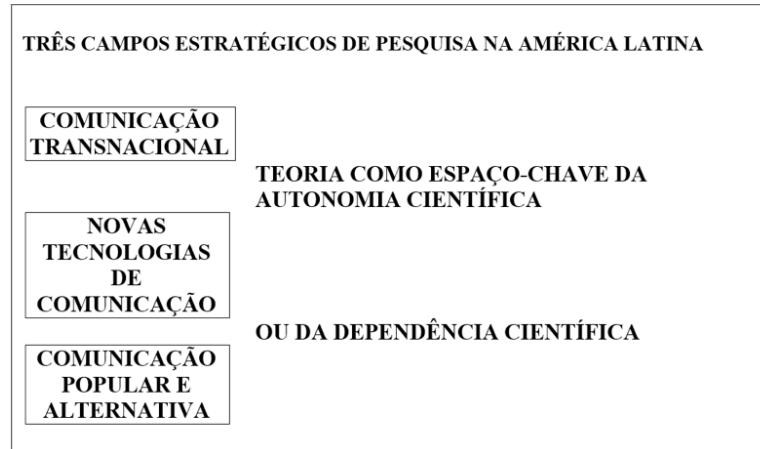


FIGURA 1 – Um Mapa Metodológico de Jesús Martín-Barbero 1982
(antes das mediações)²¹

Fonte: JMB (1982).

²¹ Mapa desenhado pela autora com base de JMB (1982).

Esse mapa é fruto de embates então presentes na comunidade de pesquisadores latino-americanos sobre as “ideias fora de lugar” que era a transposição acrítica de modelos de análise dos países anglo-saxões e europeus, conforme afirmou JMB (2009a). Os três campos estratégicos de pesquisa eram: 1) a *Comunicação transnacional*. A tensão entre os processos econômicos transnacionais e as estruturas nacionais de poder impulsionou-o a pensar as “estruturas de produção” como “dispositivos de conexão entre tecnologia, mercado e rotinas produtivas”; 2) *Novas tecnologias da comunicação*. A chegada de “novas tecnologias” na América Latina levou-o a estudar a “não-contemporaneidade entre tecnologias e seus usos sociais”: “colocando a tecnologia no singular e as culturas no plural, ativamos os sinais de identidade que passam pelos usos – inclusive anacrônicos e aberrantes – porque estes tornam visíveis a diversidade dos modos de apropriação e, portanto, de nossas culturas”; 3) *Comunicação alternativa e popular*. Os debates sobre a comunicação alternativa e popular o encorajaram a olhar para “outras formas de comunicação pelas quais a palavra de grupos dominados é liberada, de modo que o que realmente importa não é a mídia, mas a criatividade popular. Entendendo por popular, a memória de outra economia tão política quanto simbólica, a memória de outra matriz cultural muitas vezes negada” (JMB, 1982).

Mapas metodológicos das mediações

O método estratégico-rizomático de JMB indica a direção nos seus mapas das mediações:

1. das mediações culturais da comunicação às mediações comunicativas da cultura (mapas 1 e 2)
2. as mediações comunicativas das mutações culturais de nosso tempo (mapas 3 e 4)

São múltiplas as entradas em uma cartografia como a barberiana. A realidade cartografada se apresenta como mapa móvel, de tal maneira que tudo aquilo que tem aparência de *o mesmo* não passa de um concentrado de significação, de saber e de poder, que pode por vezes ter a pretensão ilegítima de ser centro de organização do rizoma. Entretanto, o rizoma não tem centro. Em um sistema acêntrico, como conceber a direção metodológica?

É bom lembrar ainda que existem tantas cartografias possíveis quanto campos a serem cartografados, o que coloca a necessidade de uma proposição metodológica estratégica em relação a cada situação ou contexto a ser analisado, indicando que dessa perspectiva método e objeto são figuras singulares e correlativas, produzidas no mesmo movimento, e que não se trata aqui de metodologia como conjunto de regras e procedimentos preestabelecidos, mas como estratégia flexível de análise crítica (Fonseca; Kirst, 2003).

E, conforme apontamos, a cartografia barberiana diz respeito a um *método estratégico-rizomático* e as mediações devem ser vistas como dispositivos que se entrecruzam em constante movimento de mutação, renovação e atualização.

Mediações como “conceito operatório” e um conceito em construção

Encontramos um conjunto de princípios atribuídos por JMB ao conceito de mediações:

1. A comunicação hoje é uma *questão de mediações* mais que de meios de comunicação.
2. As mediações constituem uma *perspectiva teórica compreensiva* tanto dos processos de produção e do produto como da recepção.
3. Todo o processo de comunicação é articulado a partir das *mediações*.

Acompanhando temporalmente o conceito, notamos que:

- As mediações são inicialmente vistas como uma perspectiva de investigação *sobre e a partir* da recepção;
- afirma-se progressivamente a importância das mediações para uma *teoria da comunicação*;
- não há uma definição única de mediação;
- mediação é uma noção plural: *mediações*.

Como ele próprio afirma (1992: 20):

As mediações são esse “lugar” de onde é possível compreender a interação entre o espaço da produção e o da recepção: o que [a mídia] produz não responde unicamente a requerimentos do sistema industrial e a estratégias comerciais, mas também a exigências que vêm da trama cultural e dos modos de ver.

Visto como conceito operatório, traçaremos o percurso das mediações através de quatro mapas constitutivos do corpo teórico-metodológico da teoria barberiana da comunicação.

MAPAS METODOLÓGICOS DAS MEDIAÇÕES

A leitura das mediações que o próprio autor propõe é que ela seja feita através dos sucessivos mapas das mediações que são apresentados nas introduções das diferentes reedições de *De los medios a las mediaciones* (1987a, 1998, 2010a, 2017)²².

É fundamental acompanhar as modificações que os mapas das mediações apresentam ao longo da obra barberiana, uma vez que elas parecem ser uma noção movente, que acompanham permanentemente as transformações da sociedade e especificamente as da comunicação.

A noção de mediação permitiria, em síntese, inscrever os fenômenos em suas relações e interdependências e instaurar pontes entre múltiplas mediações, além de conectar os processos de comunicação aos sujeitos e de pensar o lugar de cada um desses sujeitos nos processos estruturantes e nas lógicas que os mobilizam. (Rueda, 2010: 90)

O primeiro mapa das mediações: Mediações Culturais da Comunicação, 1987

O primeiro mapa permite, em síntese, tornar visíveis as relações e a lógica do poder que sustentam o funcionamento dos meios de comunicação (JMB tinha por paradigma a televisão). E tal como fazem os objetos cartografados, as mediações indicarão sua importância através de traços de maior ou menor intensidade.

Todos esses princípios propulsionam a fatura do *primeiro mapa metodológico das mediações*, de 1987, em que JMB propõe o enfoque epistemológico da *comunicação a partir da cultura* ou o estudo das *mediações culturais da comunicação*.

É o que se vê representado na Figura 2.

²² Esse mapeamento pode ser feito através das três introduções às diferentes edições do livro *Dos Meios às Mediações*. Até agora são três introduções: de 1987, na primeira edição, publicada pela Editora Gustavo Gili, Barcelona; de 1998, na quinta edição, publicada pelo Convênio Andrés Bello, Bogotá; e de 2010a, publicada por Anthropos Editorial, Barcelona e Universidad Autónoma Metropolitana de México. Todas essas três introduções foram reunidas no pequeno livro *INTRODUCCIONES: De los Medios a las Mediaciones*, publicado pela Fundação Friedrich Ebert, em 2010b.

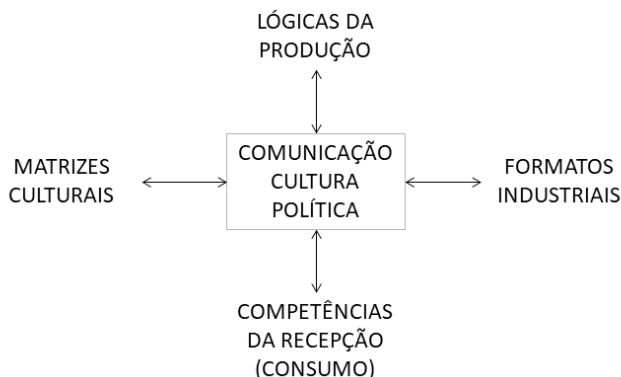


FIGURA 2 – Primeiro Mapa Metodológico das Mediações – 1987a²³
Mediações Culturais da Comunicação

Fontes: Ed. Gustavo Gili, Barcelona, 1987a, p. 229-242; Ed. UFRJ, Rio de Janeiro, 1997, p. 287-303; *Introducciones*. Introducción 1, p. 5-8

²³ Mapa desenhado pela autora com base nas páginas citadas das edições espanhola e brasileira.

Mediações Culturais da Comunicação

Espaços constitutivos das mediações: *Comunicação-Cultura-Política*

Dois eixos:

1. diacrônico ou histórico: matrizes culturais e formatos industriais
2. sincrônico: à lógica da produção correspondem as competências da recepção

No centro do mapa estão as mediações constitutivas ou fundantes: *comunicação, cultura e política*²⁴ que remetem a dois eixos: o diacrônico ou histórico, entre *matrizes culturais* e *formatos industriais*; e o sincrônico entre *lógicas da produção* e *competências da recepção (consumo)*²⁵.

Em relação às três mediações fundadoras, JMB afirma

Penso na necessidade premente de estudar as articulações comunicação-cultural-política, nas transformações da cultura política e no papel de protagonismo que o cenário massmediático possui aí: ao mesmo tempo, como palco do reconhecimento social e de perversão do laço social, da crise da representação e das novas formas de representar²⁶. (2016: 145)

A mediação *Matriz Cultural* atua como marca semântica de uma coisa a partir da qual se dá forma generativamente a outras. E também convoca imagens heterogêneas. Mais que uma metáfora ela está no sentido matemático informacional de matriz como *algoritmo* capaz de ordenar séries numéricas e gerar séries novas a partir de uma particular distribuição em eixos de abscissas e ordenadas²⁷.

²⁴ O pensamento de JMB está sempre voltado para o horizonte constituído por comunicação, cultura e política.

²⁵ Não nos deteremos nos conteúdos das mediações que estão nos mapas, já divulgados em muitas publicações, pois nosso olhar é o da desconstrução metodológica das cartografias e mapas barberianos.

²⁶ No original: "Pienso en la urgencia estratégica de estudiar las articulaciones comunicación-cultura-política, en las transformaciones de la cultura política y el papel protagónico que ahí tiene el escenario massmediático: a la vez como escenario del reconocimiento social y de la perversión del lazo social, de la crisis de la representación y de las nuevas formas de representar".

²⁷ Segundo estudo citado em Huergo e Morawicki (2016: 174-176) não há antecedentes do termo *matriz cultural* em autores que influenciaram o cultural em JMB como Certeau, Hall, Williams, Thompson ou Bourdieu.

O segundo mapa das mediações: Mediações Comunicativas da Cultura, 1998

O segundo mapa é do fim dos anos 1990, quando fica evidente uma complexa teoria das mediações que ultrapassa a configuração de uma teoria da recepção. O mapa agora tem por objetivo o estudo da cultura a partir da comunicação, deslocando o estudo das *mediações culturais da comunicação* para o das *mediações comunicativas da cultura*. O olhar não se inverte no sentido de ir das mediações aos meios, senão da cultura à comunicação. É a própria noção de comunicação que é repensada. Passa-se a dar mais densidade epistemológica de conhecer o que vem da comunicação.

É o que está representado na Figura 3.



FIGURA 3 – Segundo Mapa Metodológico das Mediações – 1998
Mediações Comunicativas da Cultura

Fontes: Convenio Andrés Bello, Bogotá, 1998; Ed. UFRJ,

Rio de Janeiro, 2001, p. 11-22; *Introducciones*. Introducción 2, p. 13-21

Da Cultura para a Comunicação:

densidade epistemológica do conhecimento comunicacional

Múltiplas Mediações:

institucionalidades, socialidades, tecnicidades, ritualidades

Por meio deste mapa, a que JMB chamou de *pistas para entre-ver meios e mediações*, é possível operacionalizar a análise de qualquer fenômeno social que relaciona comunicação, cultura e política, impondo-se como uma dimensão da articulação entre produtores, mídia, mensagens, receptores e cultura.

As mediações devem ser entendidas como processos estruturantes que configuram e reconfiguram tanto a lógica da produção quanto a lógica dos usos. Elas exigem pensar ao mesmo tempo o espaço da produção assim como

o tempo do consumo, ambos articulados pela vida cotidiana (usos/consumo/práticas) e pela especificidade dos dispositivos tecnológicos e discursivos das mídias envolvidas.

A necessidade de *decoupage* do conceito a fim de torná-lo metodologicamente manejável, leva-nos a afirmar os princípios que se seguem:

A mediação central é de natureza triádica indissolúvel – cultura, comunicação, política – a que chamamos *mediações constituintes* ou *fundantes*, porque:

Mais do que objetos de políticas, a comunicação e a cultura constituem hoje um campo primordial de batalha política: o estratégico cenário que exige que a política recupere sua dimensão simbólica – sua capacidade de representar o vínculo entre os cidadãos, o sentimento de pertencimento a uma comunidade – para enfrentar a erosão da ordem coletiva. (JMB, 2001: 15)

No mapa, a mediação é um espaço que coloca em relação dialética as lógicas da produção e do consumo, os formatos industriais e as matrizes culturais. O esquema também se move em dois eixos: o diacrônico, ou histórico de longa duração – entre as *matrizes culturais* e os *formatos industriais*; e o sincrônico, entre as *lógicas de produção* e as *competências de recepção*. Estas constituem quatro *mediações básicas* (de mais intensidade) que estão articuladas através de uma espécie de *submediações* (de menos intensidade), todas articuladas como *múltiplas mediações*.

Nas interseções dos dois eixos, o mapa desenha quatro espaços para *descentrar* nosso olhar de pesquisadores, e onde se localizam outras mediações. A relação entre as *matrizes culturais* e a *lógica da produção* é mediada por diferentes regimes de *institucionalidade* (interesses e poderes existentes, públicos e privados), enquanto a relação entre as matrizes culturais e as competências da recepção é mediada por várias formas de *socialidade* (laço social, relações cotidianas das pessoas enquanto agentes). Entre a *lógica da produção* e os *formatos industriais* media a *tecnicidade* (o novo contexto dos meios; operadores técnicos, perceptivos e estéticos) e entre os *formatos industriais* e as *competências da recepção* media a *ritualidade* (modos autorizados de olhar, ouvir, ler, ligados à memória social do gosto, da classe, do hábito).

São *pistas* que constituem uma proposta teórica programática que desenha espaços epistemológicos abertos com a promessa de visualização de um território comum e pontos de questões comunicacionais fundamentais.

Não parece ser por acaso que, de um ponto de vista sistêmico, o objeto de estudo de Martín-Barbero sejam as mediações, em primeiro lugar, tecidas de processos e de materialidades da comunicação em um ambiente social e

cultural determinado; e em segundo, um instrumento de *des-coberta* de falsas polaridades. E também não é por acaso que todo objeto de estudo comunicacional possa ser metodologicamente tratado por um pesquisador a partir da perspectiva das mediações.

A importância desse mapa está em reconhecer que a comunicação está mediando todas as formas da vida cultural e política da sociedade. Portanto, o olhar não se inverte no sentido de ir dos meios para as mediações e nem das mediações aos meios, senão para ver a complexa teia de múltiplas mediações. Foi necessário ao autor repensar a própria noção de comunicação, noção essa que sai do paradigma da engenharia e se liga com as *interfaces*, com os *nós* das interações, com a comunicação-interação, com a comunicação *inter-mediada*²⁸. E porque a linguagem é cada vez mais intermediada, o estudo deve ser claramente interdisciplinar. Ou seja, trata-se de uma epistemologia que coloca em crise o próprio objeto de estudo. Segundo o autor, o que existia era que a identidade da comunicação era achada nos meios e, hoje, ela não se dá somente nos meios. A comunicação ocorre na interação que possibilita a interface de todos os sentidos, portanto, é uma *inter-mediação*, que é um conceito para pensar a hibridização das linguagens e dos meios.

²⁸ Segundo Bastos (2012), o deslocamento da pesquisa em comunicação para a pesquisa das mediações, na América Latina, é de certo modo análogo ao deslocamento dos estudos da informação para os estudos dos signos, na França, e dos estudos da informação para os estudos dos *media*, na Alemanha.

O terceiro mapa das mediações: Mutações Comunicativas e Culturais I, 2010



FIGURA 4 – Terceiro Mapa Metodológico das Mediações – 2010

Mutações Comunicativas e Culturais Contemporâneas

Fontes: Anthropos, Barcelona, 2010a; Entrevista à *Revista*

Pesquisa FAPESP, 163, São Paulo, set. 2009b; *Introducción* 3, p. 27-41.

Este mapa acrescenta aos anteriores:

Novos eixos: temporalidade/espacialidade e mobilidade/ fluxos

Novas mediações: identidade, cognitividade

Focalizando os eixos vertical e horizontal, esse terceiro mapa vincula os anteriores com a investigação das mutações contemporâneas. As mediações básicas são outras e aparecem pela primeira vez: no eixo vertical, estão a *temporalidade* e a *espacialidade* e no horizontal, a *mobilidade* e os *fluxos*.

Seguindo o autor, a temporalidade contemporânea configura a crise da experiência moderna do tempo, que se manifesta na transformação profunda da estrutura temporal, no culto ao presente, no debilitamento da relação histórica com o passado e na confusão dos tempos que nos prende à simultaneidade do atual.

A espacialidade se decupa em múltiplos espaços: o espaço habitado, do território feito de proximidade e pertencimento; o espaço comunicacional que tecem as redes eletrônicas; o espaço imaginado da nação e de sua identidade; o espaço praticado da cidade moderna, com a subjetividade que emerge das novas relações com a cidade e dos modos de sua apropriação.

A *mobilidade*, do trânsito incessante das migrações e das navegações virtuais dos internautas, nos traz o aparecimento de novas figuras da sensibilidade. E os *fluxos* que, como os dos migrantes que provocam desordens sociais e políticas na cidade, também são os fluxos de imagens, informação, linguagens e escrituras virtuais, que desestabilizam a cultura letrada e escolar. No mundo não espacializado dos internautas as redes constituem novos espaços de socialidade.

Através da mediação da *tecnicidade* é possível entender a técnica como constitutiva, como dimensão imanente de uma noção antropológica de comunicação. Tomamos esta expressão não no sentido habitual de imputar essa visão à disciplina antropologia, mas no sentido gramsciano do *elementarmente humano*. JMB justifica o uso na mediação do termo tecnicidade e não o de técnica, pois no que ocorre hoje não se dá a devida conta à noção grega de *techné* que remete à destreza, à habilidade de fazer, mas também de argumentar, de expressar, de criar e de comunicar através de formas materiais, destreza essa que se atualiza com base nos novos modos de lidar com a linguagem. No entanto, caminhou-se para a noção de técnica como aparato, como objetivação da *techné* nas máquinas ou nos produtos. Nem um nem outro desses sentidos de técnica parecem ser suficientes, hoje.

Porque na técnica há novos modos de perceber, ver, ouvir, ler, aprender, novas linguagens, novos modos de expressão, de textualidades e escrituras. O sentido da tecnicidade não se relaciona à ideia de mero aparato tecnológico, mas à competência na linguagem, às materialidades no discurso que remetem à constituição de gramáticas que dão origem a formatos e produtos midiáticos. A tecnicidade não é da ordem do instrumento, mas da ordem dos saberes, da constituição de práticas produtoras de inovações discursivas, dos modos de

percepção social. Afasta-se, portanto, da noção de técnica como mero aparato, recuperando o original sentido do termo grego *techné*. Haveria uma espécie de *intermediação como experiência comunicativa*, ou seja, de muitas interfaces entre os diferentes meios e destes nos diferentes espaços comunicativos do consumo e da criação (JMB, 2014). O que está aí implícito é a recusa do sentido instrumental de tecnologia tão sedimentada nos estudos de comunicação.

Reconhecer a envergadura que a tecnicidade tem hoje, não mais como instrumento, mas incrustada na estrutura mesma da cognição/logos e da vida cotidiana, acreditamos que aqui está a uma *pista metodológica forte* que nos dá JMB.

A tecnologia digital desloca os saberes modificando tanto o estatuto cognitivo como institucional das condições do saber, conduzindo a um forte borramento das fronteiras entre razão e imaginação, saber e informação, arte e ciência, saber especializado e conhecimento comum.

Dentre outros fatores, isso decorre muito especialmente da *competitividade tecnológica* e dos usos da tecnicidade, por onde passa hoje em grande medida a capacidade de inovar e de criar. Porque a tecnicidade é menos assunto de aparatos que de *operadores perceptivos* e destrezas discursivas. Segundo Scolari (2008) trata-se de uma *tecnicidade cognitiva e criativa*, porque confundir a comunicação com as técnicas e os meios resulta tão deformador como pensar que eles sejam exteriores e acessórios à comunicação.

Essa é a situação que marca a sociedade contemporânea que, com sua “mutação tecnológica passou a configurar um novo ecossistema comunicativo” (Martín-Barbero, 2010a: 222).

Isso é o que representa a figura 5.



FIGURA 5 – Quarto Mapa Metodológico das Mediações – 2017
Mutações Culturais e Comunicativas Contemporâneas - 2

Fonte: Entrevista de JMB a Omar Rincón, 2017

Este mapa acrescenta aos anteriores*Novos eixos:* tecnicidades / sensorialidades*Novas mediações:* narrativas, redes, cidadanias

Na historicidade dos problemas trazidos para o pesquisador, JMB pousa em outro e mais novo mapa para continuar a estudar as *mutações comunicacionais e culturais do nosso tempo*. O adensamento teórico dado às mediações da *tecnicidade* e da *sensorialidade* é representado no seu novo estatuto de *mediações básicas* a que são alçadas no quarto mapa.

Através de diálogos com Merleau Ponty, Stuart Hall, Walter Benjamin e Milton Santos, entre outros, JMB assinala que as tecnicidades implicam hoje uma reconfiguração da sensorialidade e da socialidade:

Considero crucial repensar as relações entre o universal e o particular a partir desse novo lugar que o mundo se converteu, o segundo²⁹ desafio que enunciei é o de repensar a técnica, O que significa, em primeiro lugar, pensar conjuntamente o hipertexto e o palimpsesto, e, em segundo lugar, assumir sem receios, nem armadilhas complexas, o desafio que nos coloca a sensibilidade dos mais jovens e suas empatias cognitivas e expressivas com as que as tecnologias possibilitam. E, em terceiro lugar, pensar a técnica é começar o reconhecimento de uma nova figura de razão, a da imagem informática que deixa de ser mera aparência, engano, expressão da dimensão irracional, para começar a se tornar parte constitutiva dos novos modos de construir conhecimento³⁰. (2011b: 118)

Trata-se de um novo mapa rizomático em que essas mediações se tornaram básicas e se des-pregam podendo ser relacionadas em formas de direções e densidades diferentes. Dependendo do problema de pesquisa, as mediações podem ser mobilizadas e articuladas com *identidades, redes, cidadanias e narrativas*. Estamos diante de uma série de pistas que seguramente atenderão aos objetos das pesquisas de comunicação contemporâneas.

Nesse último mapa, JMB projeta seu interesse atual pela teoria da sensibilidade que, a nosso ver, o leva a dialogar com Rancière e a *partilha do sensível* de duas maneiras. Primeira, na linhagem iniciada por Benjamin e o surgimento de um novo *sensorium* na modernidade e que chega a Rancière. Semelhante a este, JMB recusa em reduzir a estética a uma reflexão especulativa ou circunscrevê-la ao âmbito do artístico, mas, ao contrário, alargá-la a uma reflexão vinculada aos muito distintos regimes de sensibilidade que coexistem numa sociedade, e que o leva ao encontro de um regime que não havia sido considerado tradicionalmente estético, o do melodrama. Segunda, a cartografia barberiana dá

²⁹ O primeiro é o processo da globalização.

³⁰ No original: "Considero crucial repensar las relaciones entre lo universal y lo particular desde ese nuevo lugar en que se ha convertido el mundo, el segundo desafío que enuncié es el de repensar la técnica. Lo que significa en primer lugar, pensar juntos el hipertexto y el palimpsesto, y en segundo lugar, asumir sin miedos, ni tramosos complejos, el desafío que nos plantea la sensibilidad de los más jóvenes y sus empatías cognitivas y expresivas con las narrativas que las tecnologías hacen posible. Y en tercer lugar, pensar la técnica es iniciar el reconocimiento de una nueva figura de razón, la de la imagen informática que deja de ser mera apariencia, engaño, expresión de la dimensión irracional, para entrar a formar parte constitutiva de los nuevos modos de construir conocimiento".

a ver a disposição das posições e das competências dos indivíduos, pois a sua epistemologia (lembramos do *calafrio epistemológico*) têm como base o olhar descentralizado do estudioso que contempla as margens e a valorização do fluxo comunicacional e do intercâmbio cultural. Ainda, a mediação da *socialidade* revela traçados que vão demarcar as diferentes experiências com o sensível, ou com o “tomar parte na partilha” mencionado por Rancière. Portanto, a cartografia pode ser um instrumento para promover novos parâmetros de representação da partilha do sensível.

A construção da cartografia barberiana tem natureza dialética, pois, na medida em que um mapa dialoga com as fontes dos mapas anteriores, temos a proposta de um novo mapa. Portanto, um mapa não substitui o anterior, mas se apropria, o reinterpreta e o acrescenta, em um processo que exige um pensamento de maior complexidade. Para que a cartografia opere de modo rizomático, percorre-se os pontos, as linhas e a rede do rizoma, aplicando estratégias que vão se aplicando e se revendo em função dos fenômenos em estudo. A cartografia diz respeito a um método estratégico-rizomático.

A historicização das mediações dentro da teoria barberiana da comunicação leva a tomar distância das certezas metafísicas e do racionalismo positivista para propor categorias possivelmente transitórias para dar conta de uma realidade mutável e suscetível de intervenção³¹.

³¹ Identificar a cartografia barberiana ao binômio foucaultiano *fazer/poder* e à faceta de pesquisa-ação é uma hipótese que deve ser objeto de novas reflexões.

BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS: O QUE FAZER COM OS MAPAS BARBERIANOS NA PESQUISA EMPÍRICA DE COMUNICAÇÃO?

Esta pergunta é motivo para um novo artigo. Mas, eu não queria deixar de fazê-la, mesmo na forma de considerações finais deste texto.

A incorporação desses mapas das mediações nos estudos de comunicação dá origem a novos lugares metodológicos. A apropriação dos mapas pelo pesquisador depende da estratégia metodológica que adotar em uma dada pesquisa empírica, de modo que a escolha pode recair em determinadas mediações e não em outras dependendo do destaque que ganham na abordagem analítica. Desde a pesquisa sobre a recepção de telenovela (Lopes et al., 2002) que se tornou referência de trabalho empírico com base na metodologia das mediações, vem se demonstrando que os mapas barberianos devem ser usados estrategicamente nas pesquisas de comunicação. Sendo o objeto de estudo, por exemplo, um determinado produto comunicacional (telejornal, telenovela), a partir desse formato industrial, o pesquisador pode acionar elementos de sua linguagem televisiva em articulação com lógicas da produção explorando a tecnicidade. Também poderá articulá-lo às competências de recepção através

das mediações da ritualidade ou da sensorialidade. Trata-se então de elaborar uma específica estratégia de uso dos mapas das mediações para uma específica pesquisa empírica. ■

REFERÊNCIAS

- APPADURAI, A. Notas para uma geografia pós-nacional. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 49, p. 33-46, nov. 1997.
- ARELLANO, J.; SANTOYO, M. *Investigar con mapas conceptuales*. Madrid: Narcea, 2009.
- BASTOS, M. T. Medium, media, mediação e midiaticização: a perspectiva germânica. In: JANOTTI JR., J.; MATTOS, M. A.; JACKS, N. (Orgs.). *Mediação & midiaticização*. Salvador: Edufba; Brasília: Compós, 2012. p. 53-77.
- BAUMAN, Z. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. *Sociedade da incerteza*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BRAGANÇA, M. Cartografias latino-americanas: fronteiras midiáticas de um continente em construção. In: ENCONTRO NACIONAL DA COMPÓS, 20., 2011, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Compós, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/aJFtTN>>. Acesso em: 20 jan. 2018.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- _____. *Mil platôs*. Capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1.
- _____. Que és un dispositivo? In: BALIBAR, E. et al. (Orgs.). *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990. p. 155-163
- FERREIRA, F. T. Rizoma: um método para as redes? *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 28-40, mar. 2008. DOI: <https://doi.org/10.18617/liinc.v4i1.251>
- FONSECA, T. M. G.; REGIS, V. M. Cartografia: estratégias de produção do conhecimento. *Fractal*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 271-286, maio/ago. 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922012000200005>
- FONSECA, T. M. G.; KIRST, P.G. *Cartografia e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.
- HUERGO, J.; MORAWICKI, K. *Memoria y promesa: conversaciones con Jesús Martín-Barbero*. La Plata: Edulp, 2016.
- LAVERDE TOSCANO, M.C.; ARANGUREN DÍAZ, F. Los mapas diurnos y nocturnos de Jesús Martín-Barbero (Entrevista). *Nómadas*, Bogotá, n. 7, 1997, p. 145-169.

- LOPES, M. I. V. Reflexividade e relacionismo como questões epistemológicas na pesquisa empírica em Comunicação. In: BRAGA, J. L.; LOPES, M. I. V.; MARTINO, L. C. (Orgs.). *Pesquisa empírica em comunicação*. São Paulo: Paulus, 2010. p. 27-49.
- _____. Mediação e recepção: algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. *MATRIZes*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 65-80, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i1p65-80>
- LOPES, M. I. V.; BORELLI, S. H. S.; RESENDE, V. R. *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade*. São Paulo: Summus, 2002.
- MARTÍN-BARBERO, J. Retos a la investigación de comunicación en América Latina. *Comunicación y Cultura*, Cidade do México, n. 9, p. 99-113 1982.
- _____. *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía*. Barcelona: Gustavo Gili, 1987a.
- _____. *Procesos de comunicación y matrices de cultura*. Cidade do México: Gustavo Gili, 1987b.
- _____. Pistas para entre-ver meios e mediações. Prefácio à 2ª edição. (Tradução de Maria Immacolata Vassallo de Lopes). In: _____. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2001.
- _____. *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Ed. Loyola, 2004.
- _____. Autopercepción intelectual de un proceso histórico. *Revista Anthropos*, n. 219, 2008.
- _____. Uma aventura epistemológica: entrevista por Maria Immacolata Vassallo de Lopes. *MATRIZes*, São Paulo, v. 2, n. 2, 2009a, p. 143-162. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v2i2p143-162>
- _____. As formas mestiças da mídia (Entrevista). *Revista Pesquisa FAPESP*, n. 163, 2009b.
- _____. *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía*. Barcelona: Anthropos, 2010a.
- _____. *Introducciones: de los medios a las mediaciones*. Bogotá: Centro de Competencia en Comunicación para América Latina, 2010b.
- _____. Los inesperados efectos de un escalofrío epistemológico. (Conferência). *Punto Cero*, n. 24, 2011a. Disponível em: <<https://goo.gl/tnRX9h>>. Acesso em: 15 jan. 2018.
- _____. La pertenencia en el horizonte de las nuevas tecnologías y de la sociedad de la comunicación. In: HOPENHAYN, M.; SOJO, A. (Comps.). *Sentido de pertenencia en sociedades fragmentadas: América Latina desde una perspectiva global*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2011b. p. 105-126.

- _____. Mes rencontres avec Walter Benjamin. *Théorème, Persistances benjaminienes*, n. 21, p.181-192, 2014.
- MORIN, E. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- PASSOS, E.; BARROS, R. B. Cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. (Orgs.) *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. (Orgs.) *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- POZZANA, L. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. *Fractal*, v. 25, n. 2, p. 323-338, maio/ago. 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922013000200007>
- PRADO FILHO, K.; TETI, M. M. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 45-59, jan./jun. 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/wNFwXr>>. Acesso em: 15 jan. 2018.
- RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- RUEDA, A. Des médias aux médiations: quelles médiations, quels objets, quels enjeux? *Les Enjeux de l'information et de la communication*, n. 2, p. 88-103, 2010.
- SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento, 1997.
- SCOLARI, C. *Hipermediaciones: elementos para una teoría de la comunicación digital interactiva*. Barcelona: Gedisa, 2008.
- SERRES, M. *Atlas*. Madrid: Cátedra, 1995.
- WALLERSTEIN, I. *Para abrir as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 1996.

Artigo recebido em 30 de agosto de 2017 e aprovado em 20 de janeiro de 2018.